

Enterro sem defunto

Daniel
Barros

2ª edição

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



CAPÍTULO I

FAZIA UM BELO DIA DE SOL na capital da República, apesar de ter chovido durante a noite e parte da manhã. As ruas permaneciam ainda molhadas, mas o tempo estava bom, não obstante, um leve calor.

Alcides não era um homem grande, mas tinha braços e mãos fortes, pois quando jovem, trabalhara arduamente na fazenda de seu avô materno. Quase trinta anos. Pele alva, olhos verdes azulados e cabelos castanhos, pouco acima dos ombros, não muito comum no meio policial, fato que lhe facilitaria trabalhos de infiltração. A barba emoldurava seu rosto, aparentando-lhe mais idade. Era da terceira geração de policiais da sua família.

Iniciara sua vida profissional como fotojornalista, tendo trabalhado quase oito anos no ofício e neste período, presenciou situações espantosas. Cobria a zona rural de Alagoas e pôde verificar de perto a exploração dos trabalhadores nos canaviais do Nordeste, além de constatar como era feita a política de distribuição de recursos públicos destinados à agricultura, recursos públicos que deveriam ser reservados aos pequenos produtores, e que eram destinados à criação de

gado e produção familiar; estes eram desviados para grandes usineiros da região. Passou então a denunciar esses desvios. Suas fotos e matérias sobre o assunto nunca eram publicadas. Resolveu então, trabalhar com fotos publicitárias como fotógrafo independente, mas isto não lhe dava prazer. Descrente com a política em seu estado decidiu aceitar, mesmo que tardia, a herança paterna e se tornar policial.

Na polícia fora lotado na Divisão de Entorpecentes. Era início da tarde quando se apresentou. Um policial que estava na recepção se encarregou de levá-lo à sua sala. O sujeito era de altura mediana, pardo claro, cabeça raspada e usava óculos de grau, sisudo, porém muito educado. A princípio, Alcides daria apoio à equipe do chefe da seção onde fora lotado, para que este pudesse conhecê-lo melhor, enquanto decidia se formava uma nova equipe ou o colocaria em alguma outra que estivesse incompleta. Na entrada da divisão havia uma pequena antessala e, logo depois, uma recepção. Após a recepção, um longo corredor com sala de ambos os lados formava o ambiente de trabalho; eram três seções de investigações, mais cartório, sala de rádio, quatro gabinetes para delegados, o depósito de provas que ficava ao lado do escritório do delegado-chefe, e, finalmente, o banheiro e a copa.

— Pedeu pra trabalhar com droga ou te mandaram? — falou o policial que o acompanhava.

— Na realidade, solicitei minha lotação na Homicídios, mas...

— Já sei, devem ter vindo com a baboseira de que “nós” temos que trabalhar onde a polícia precisa e não onde temos afinidade. Blá blá blá...

— Foi exatamente isso.

— Olhe, parceiro, você se deu bem. Esta seção é muito boa, o chefe é trabalhador e é honesto pra caramba!

— Ótimo, então.

Ouvia sempre seu pai dizer que na polícia era bom ter cautela com os colegas ao entrar numa equipe. Deixar claro, desde o início, que é honesto, mas sem transparecer desconfiança dos novos parceiros. Afinal, os corruptos não gostam de trabalhar com os honestos, e assim que os identificam mantêm certa distância. Entretanto, tinha visto sinceridade naquele policial ao dizer que o chefe era correto.

— Francisco, esse é... Qual é mesmo seu nome?

— Alcides Teixeira.

— Caramba! Alcides, nem me apresentei; meu nome é Heitor! — disse rindo e continuou. — Esse é Francisco, chefe da seção. Francisco, este é Alcides.

— Muito prazer, Francisco — e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Bom, este é meu parceiro, Mendes — disse Francisco, apontando para um colega ao seu lado.

— Mas você não tem cara de Alcides, não. — Mendes falou com um sorriso irônico.

Mendes era um sujeito baixo, cabelo curto, moreno claro, vestia camisa de botão de mangas curtas e camiseta de malha branca por baixo. Francisco era também baixo, porém forte, cabelos pretos bem lisos e pele branca. Francisco era muito falante e simpático. Já o Mendes era calado e quase sempre jocoso ao falar.

— Alcides? Como gostaria de ser chamado? — perguntou Mendes.

— Alcides Teixeira, este é meu nome.

— Tudo bem, vamos checar uma informação. — falou Francisco.

Saíram da delegacia, e por três vezes Mendes chamou Alcides de Rubens. Após a terceira vez, Alcides retrucou:

— Meu nome é Alcides!

Mendes olhou para ele e falou:

— Mas tem cara de Rubens.

E todos riram. Entraram num conjunto de apartamentos. Francisco falou que estavam investigando um traficante de maconha da região, mas não sabiam onde ele morava. Achavam que era próximo dali, mas não tinham certeza. Para isto, contataram um informante local. O informante sabia que naquela tarde o traficante faria uma entrega no Cruzeiro Novo, bairro próximo da divisão. Então, chegaram os três. O traficante deveria fazer a entrega perto dos blocos de apartamentos; Francisco e Mendes ficariam mais próximos, Alcides ficaria do outro lado, onde poderia ser um ponto de fuga. Viu um quiosque onde podia ficar. Pediu uma cerveja e pagou antecipadamente, já que poderia precisar sair rápido.

Passada mais ou menos meia hora, chegou um homem negro, calça jeans, camiseta e boné pretos. Aproximou-se dos blocos e quase que imediatamente, um jovem branco, de bermuda florida e camiseta regata, foi ao seu encontro. Tirou algo da carteira e o entregou. Pegou algo, cheirou, colocou no bolso e saiu. Alcides de pronto levantou-se para ir em

direção aos dois, mas logo percebeu Mendes fazer um sinal para ele ficar. O rapaz foi para trás do bloco e o traficante veio em sua direção. Estava nervoso, não sabia o que fazer, mas não viu nenhuma reação dos parceiros, que sumiram em direção ao final dos blocos, atrás do jovem. O homem passou por ele e continuou andando; ele resolveu então, segui-lo. Ficou extremamente preocupado, pois não conhecia o bairro, mas prosseguiu mesmo assim. Seguiu-o por uma longa distância. Já estava pensando seriamente em abordá-lo sozinho, como o alvo era um homem forte, seria uma boa luta. De repente, seu celular tocou. Era Mendes falando-lhe que estava bem atrás. Ele olhou para a esquina e o viu a uns trinta metros. Falou também que o cara que comprou a droga já estava na “mão”. E que Francisco esperava o apoio para levar o usuário para a delegacia.

Chegaram ao fim do conjunto de apartamentos e entraram em uma área só de casas. O homem continuava caminhando. Sem perceber que estava sendo seguido, sorria e cantarolava. Após uma pequena praça, dobrou a esquerda, passou por umas quatro casas e parou onde havia um senhor com umas gaiolas com passarinhos. Sentou-se em um banquinho e ficou a observar o senhor cuidar dos pássaros. O novato olhou para Mendes que, passando por ele, saiu da visão do traficante. Alcides se posicionou em uma parada de ônibus na avenida transversal à rua do alvo, de lá poderia vê-lo bem. Naquele momento, não entendeu porque Mendes se dirigiu para a rua atrás da casa em que o traficante estava em frente. Logo depois, chegou um jovem ruivo e falou com

o traficante. Só então, Alcides percebeu que ao lado da casa havia um beco, e este dava para a rua em que Mendes estava observando, ou melhor, campanando*. O traficante fez um sinal, mandando o ruivo ir para o beco, e entrou na residência. Nesse momento, Francisco chegou.

— “Moleque!” Vai para rua em que o Mendes está e fica na outra extremidade.

— Como assim? Não vou ver o cara sair.

— A casa é vazada e é provável que ele saia pelos fundos pra entregar a droga ao ruivo.

— Então você cuida da frente? — perguntou Alcides e pensou: “Como ele viu o cara ruivo se nem estava aqui?!”

— Vai “moleque”, deixe que cuida da frente da casa. Ah! Se liga no negão!

Alcides percorreu a rua e se posicionou do outro lado. Quando se encostou a um muro para observar os fundos da residência, viu o ruivo esperando atrás dela e, logo em seguida, o traficante saiu ao encontro dele. De repente, o cachorro da casa em que ele estava encostado começou a latir. Ele não tinha percebido que havia cachorro lá e, imediatamente, se escondeu. Quando ouviu um grito: “*PARADO, POLÍCIA!*” Olhou e viu Mendes correndo atrás do traficante, que entrava na casa, enquanto o ruivo corria pelo beco. Lembrou: “*se liga no negão!*” Então correu em apoio a Mendes, seguido por Francisco. O alvo passou pela sala e correu para o quarto, com os três em seu encalço. Quando entrou na sala, duas mulheres gritavam, não deu bola continuou atrás do alvo, junto

* Tocaia, técnica de observação feita por policiais.



Daniel Barros nasceu a 4 de outubro de 1968, na cidade de Maceió, estado de Alagoas. É engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Alagoas 1992, professor da Escola Superior de Polícia do Distrito Federal e pós-graduado em segurança pública, Brasília, onde reside desde 1998. Autor de quatro romances; entre eles, *Canto escuro* (Penalux, 2019), livro finalista no International Latino Book Awards 2020.

Contato:

danielbarros45@gmail.com

facebook.com/dh.barros

@danielbarros45

cacualiterario.blogspot.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante
MT pela Editora Penalux e
impresso em papel pólen soft
80 g/m², em agosto de 2021.
